

## RESUMO DE COMUNICAÇÃO

### **A EA em Portugal – Qual o seu papel no actual contexto da sociedade portuguesa?**

Por diversas dificuldades de sistematização conceptualizadora e temporização no tratamento dos conceitos inerentes ao tema, a presente comunicação atém-se, conceptualmente, a uma congeminação balizada pelos quadros definidos pela realização da Conferência Mundial sobre EA realizada em Março de 2006 em Lisboa e o esforço produtivo emergente, pela decisão anunciada da realização desta presente Conferência Nacional, e pelo caminho preparatório percorrido até hoje. Ilustra-se um primeiro momento de *dúvida existencial* através do questionamento desse caminho, re-equacionando-se a questão titular: CNEA – Qual o seu papel no actual contexto da EA na sociedade portuguesa?

Entendendo-se clarificado o momento e as circunstâncias da congeminação desta comunicação, respigando-se a leitura dos textos preparatórios, surge uma primeira responsabilidade que implica uma correspondente necessidade: a da afirmação da Arte.

Insiste-se demasiado e demasiadas vezes numa perspectiva de Educação Artística, especialmente quando é tomada enquanto obrigação estatal e internacional, como parte de uma formação geral para a cidadania, verificando-se, então, o esforço para mostrar e demonstrar as positivities educativas de uma educação que se preocupa com a Arte. Parece claro que muitas vezes se procura valorizar a E.A. através dos seus efeitos educativos, especialmente nos campos da socialização e da aquisição de competências produtivas. Se a E.A. inevitavelmente, já é um caminho mediatizador (inevitavelmente distorçor) da Arte, esta, quando só perceptível através de múltiplas finalidades social e culturalmente úteis, não pode deixar de se mostrar diferida, secundarizada, instrumentalizada. A E.A. apresenta-se, sobretudo, como valor ou conjunto de valores educativos que transportam “mais-valias” importantes para a formação geral ou integral dos cidadãos. Enfatiza-se o papel da EA na promoção da integração social e cultural e no evitamento da exclusão social das minorias, e o seu contributo para o desenvolvimento cognitivo pessoal (Mbuyamba,

2006:16). Assinala-se a possibilidade de, «através do comportamento, da expressão, do movimento, das formas, etc....», as artes poderem ser «um instrumento para a superação das barreiras culturais»(*idem*:17). Afirma-se que «a E.A. se revela particularmente valiosa nas práticas de descondicionalismo social», com um papel na compreensão da importância dos conflitos e na sua regulação social. Prevê-se «a necessidade futura de indivíduos com competências artísticas, aos níveis social, democrático e económico» (*ibidem*: 11), defendendo-se que a E.A. «é também um meio à disposição das nações para a preparação dos recursos humanos necessários ao aproveitamento do seu valioso capital cultural. É essencial tirar o melhor partido desses recursos e desse capital se os países quiserem desenvolver indústrias e empresas culturais (criativas) fortes e sustentáveis...» (*Roteiro para a Educação Artística*, 2006:7).

Ora, como entendemos que a Arte, em si mesma, é um valor essencial da Humanidade, caracterizador do Homem e da sua evolução filogenética e ontológica, um valor que, por via dessa evolução, se tornou ainda num valor existencial, não se pode reduzir (nem tão pouco confundir) com consequências *colaterais*, por mais vantajosas que possam surgir, social, cultural ou economicamente.

Deste entendimento resulta a anunciada necessidade de afirmar o valor intrínseco da Arte e, conseqüentemente, de uma E.A. que o tenha existencial e essencialmente em conta.

Neste quadro conceptual, afigura-se pertinente a seguinte definição para E.A.:

– *concepção genérica que abrange as preocupações da educação, mormente dos sistemas educativos determinados pelos Estados e organizações supranacionais, no campo das artes, tendo em vista a formação estético-expressiva dos cidadãos, em ordem à aquisição de competências gerais e específicas próprias das artes (linguagens, criatividade, interpretação, e contextualização histórico-cultural).*

A partir desta formulação genérica possivelmente consensual, todas as fontes inspiradoras, todos os modelos conceptuais, poderão concorrer construtivamente para o êxito de uma E.A. “baseda” na Arte como produto da genuína expressão estética ocorriável em todas as linguagens esteticamente (des)codificáveis. A experiência educativa parte da inevitabilidade do encontro

com a criação/fruição/contextualização dos aprendentes da Arte. A literacia artística pode, *colateralmente*, (e assim se deseja), constituir-se em “mais-valia” psicopedagógica, antropológica, sociológica, também em âmbitos de formação extra-pedagógicos ou não-imediatamente pedagógicos.

Numa perspectiva de E.A., assume particular relevância o modelo gardneriano das *inteligências múltiplas* (figurável pela metáfora visual do *octopus criativus*), sobretudo se aplicado num quadro conceptual em que se elege a Criatividade e a estimulação do *potencial criativo* pessoal e grupal como *nó vital* do processo artístico-educativo, numa perspectiva *multi-expressiva* suportada na experiencição sinestésica e associada à interdisciplinaridade.

Ainda configurando o objectivo de “libertar” o conceito de Arte e, conseqüentemente, o de E.A., surge outra necessidade conceptual que é a de distinguir os conceitos de Arte e de Cultura. No séc.XX os artistas libertaram-se da noção de uma Arte obrigatoriamente cultural. Fixemo-nos na Arte, já que tudo o que resulta da acção humana se pode instituir como cultural. Uma *Educação Cultural* é toda a Educação, não se reduz à E.A. e esta é, como a própria Arte, apenas uma parte das possibilidades de actividade humana. As disposições críticas conhecidas que confrontam a *Educação pela Arte*, defendida por Herbert Read, podem adequar-se à proposição de uma concepção extravasante e descaracterizadora, de E.A. para *Educação Cultural*. Por último, defende-se a re-organização dos *curricula* ao nível da educação básica portuguesa, na linha conceptual defendida, em ordem à valorização de uma E.A. que privilegie a Criatividade.

#### Referências Bibliográficas:

ECO, H. (1986) *A Definição da Arte*. Lx:Ed. 70.

EFLAND (1990) *A History of Art Education*. NY: TCP.

GANDRA, M. (2005) *Criatividade e Educação Artística*. FPCE-UP.

GORDON, W (1961) *Synetic: the development of creative capacity*. NY: Harper.

HABERMAS, J. (2003) *Racionalidade e Comunicação*. Lx: Ed. 70.

MBUYAMBA, L (2006) *Relatório da CMEA* (texto policopiado).

PRADO, D. (1996) *Técnicas creativas y lenguaje total*. Santiago Compostala:USC.

VVAA (2006) *Roteiro para a Educação Artística* (texto policopiado).